

Vida do matador de touros Manuel dos Santos publicada em livro

Ídolo das arenas, que viveu na Golegã, faleceu em 1973 num acidente de viação

Edição de 22.12.2015 | Sociedade

Uma biografia do toureiro Manuel dos Santos (1925-1973), que na década de 1950 actuou na Indonésia para mais de 88.000 pessoas, foi publicada na passada semana, com autoria do seu filho, Manuel Jorge Díez dos Santos. “Manuel dos Santos - O homem e o toureiro” traça o percurso de “um homem nascido num modesto pátio lisboeta que veio a tornar-se um ídolo e a levar além-fronteiras o nome de Portugal e da Golegã, sua terra adoptiva”, disse à Lusa fonte editorial. Sobre o toureiro afirmou o escritor Alves Redol (1911-1969): “Comecei por admirá-lo nas arenas, pela galhardia, arte e pundonor do seu toureio. A vida aproximou-nos e hoje admiro também o homem, talvez porque vimos ambos da mesma gente, humilde, corajosa e pura”. A obra, com a chancela da Edições Castelhã é amplamente ilustrada com recortes de jornais da época e por fotografias do toureiro, que a 3 de Junho de 1951 foi preso por ter matado um touro na praça do Campo Pequeno. A lei portuguesa não previa, na época, excepção à proibição da morte dos touros na arena. Manuel dos Santos “começou a ganhar a vida como aprendiz de barbeiro, mas ousou sonhar e, pela sua arte, valor e sangue derramado, atingiu, como toureiro, um lugar cimeiro a nível nacional e internacional”, segundo fonte editorial. Iniciou a carreira como novilheiro, em Junho de 1947, na praça de Badajoz. A alternativa de matador de toiros aconteceu na Cidade do México, em Dezembro de 1947, tendo tido como padrinho Fermín Espinosa “Armillita”. Na ocasião ficou ferido na arena, ao partir um fémur, e voltou a tomar alternativa como matador na Real Maestranza, em Sevilha, no sul de Espanha, em Agosto do ano seguinte, sendo apadrinhado Manuel Jiménez Morebo “Chicuelo”. Tendo actuado em Portugal e no estrangeiro, o matador

O MIRANTE

fadistas Amália Rodrigues e Fernanda Batista, que interpretou em sua homenagem o “Fado toureiro”. “Foi o principal empresário tauromáquico do seu tempo e também um ganadeiro de sucesso”, segundo a mesma fonte. Em 1953, depois de algumas complicações de saúde, retirou-se das lides. Regressou mais tarde, na década de 1960, para actuar com menor frequência, sobretudo em corridas de beneficência. Dirigiu a sociedade gestora do Campo Pequeno. Morreu num acidente de automóvel, em 1973, aos 48 anos.

Mais Notícias